

ERICH BRILL¹

(Lübeck, Alemanha, 1895; Jungfernhof, Letônia, 1942)



Erich Brill, c. 1910. Fotografia não identificado.
Fotografia reproduzida de BRILL, Alice. *Erich Brill,
pintor e viajante*. S. Paulo: Pinacoteca, 1995, p. 13.

¹ História de vida reconstituída por Maria Luiza Tucci Carneiro a partir das entrevistas realizadas com Alice Brill, filha de Erich Brill, e catálogos de exposições. S. Paulo, 8 de abril de 2017. Arqshoah-Leer/USP. Pesquisas complementares: Blima Lorber e Sandra Becker.

Raízes teuto-judaicas

Um dos mais tristes exemplos dos exilados que voltaram para o inferno nazista, após um ano no Brasil, é o do pintor alemão Erich Arnold Brill, nascido em Lübeck, na Alemanha, em 20 de setembro de 1895, e fuzilado pelos nazistas em 26 de março de 1942, no campo de concentração Jungfernhof, em Riga, na Letônia. Erich era o filho primogênito de Wolf e Sophie Brill, que tinham mais três filhos: Fritz, Irma e Otto. Formavam uma família judeu-alemã liberal, bastante abastada. Por tradição, Erich deveria suceder o pai nos negócios de madeira, mas suas aptidões e sua vocação para a arte exigiam outros caminhos, o que gerou discussões com o pai que lhe impôs condições: concluir um curso superior e trabalhar três anos na empresa familiar. Depois, se não estivesse satisfeito, estaria livre para seguir sua vocação.

Em 1897, a família Brill transferiu-se para Hamburgo, indo residir em uma mansão de três andares, em um bairro nobre da cidade. Ao lado dos irmãos, Erich teve uma infância feliz, sem problemas financeiros, até o momento em que as possibilidades de um conflito armado na Europa tornaram-se inevitáveis. Ao eclodir a Primeira Guerra Mundial, Erich estava para completar 19 anos. Por motivos de saúde, foi dispensado do serviço militar, com oportunidade para dedicar-se unicamente aos estudos de arte, seu grande sonho. Tinha todo o apoio da mãe Sophie, mulher sensível, culta, inteligente, professora formada, com domínio de vários idiomas. Perfil raro para as mulheres naquele início do século XX.

Entre 1916 e 1918, ele teve aulas de artes com Adolf Meier, em Berlim. Em 1919, frequentou a Escola de Artes e Ofícios em Frankfurt e doutorou-se em Ciências Políticas e Filosofia. Nesse mesmo ano, logo após o término da guerra, participou de uma coletiva organizada pelo Museu de Hamburgo (Kunsthalle) que, alguns anos depois, irá adquirir algumas de suas obras. Mas os tempos difíceis da guerra e do pós-guerra abalaram os negócios da família Brill que, assim como tantas outras empresas alemãs, não escapou da bancarrota. Problemas financeiros forçaram Sophie a encontrar alternativas de sobrevivência, como alugar quartos da mansão em que residiam a fim de conseguir uma renda extra para o sustento da família.

Brill frequentou cursos na Escola de Artes e Ofícios de Hamburgo entre 1920 e 1922, época em que a irmã, Irma Brill, apresentou-lhe uma grande amiga: Martha Leiser, nascida

em 1894, de uma família de ascendência judaica sefardita, liberal, da cidade de Colônia. A jovem era jornalista formada em Economia Política, intelectual, assim como Erich. Mas o fato de ela vir de uma família sem condições financeiras não garantia o dote almejado por Wolf Brill ao seu filho primogênito. Mais uma vez, Erich posicionava-se contra a vontade do pai, demonstrando ser um artista romântico e independente. Apaixonou-se por Martha, mulher extraordinária como a mãe Sophie, liberal, poetisa e jornalista engajada com as causas feministas.^A

Apesar das contestações, Martha e Erich passaram a viver juntos e, diante da iminência do nascimento de um filho, resolveram casar-se e divorciar-se em seguida. Em 1920, como filha de pais separados, nascia Alice Brill. Coube a Martha a guarda da criança que ficava, sempre que necessário, aos cuidados da governanta Annie, enviada pela avó paterna. Para garantir o sustento da filha, Martha trabalhava em várias frentes para conseguir dar uma vida digna, ainda que modesta, à pequena Alice. Formada em Economia, projetava-se como jornalista engajada com as questões socialistas e feministas. Viajava muito a trabalho, e, durante suas ausências, Alice ficava aos cuidados da avó Sophie e da governanta Annie. Nesse ínterim, trabalhou na organização do Arquivo da Economia Mundial de Hamburgo, além de prestar serviços como jornalista *freelancer* na rádio de Hamburgo onde não escondia suas opiniões políticas. Em 1932, decidiu mudar o nome para Marte Brill, assim assinando os artigos que escrevia para uma revista da companhia de navegação Hamburg Süd.

A- Martha Leiser, aos 13 anos, perdeu a mãe que morreu de tuberculose. Estudou Economia em Heidelberg onde também desenvolveu, em 1927, sua tese de doutorado sobre a indústria de algodão indiano. Tornou-se uma intelectual engajada com as questões socialistas e feministas. Trabalhou na organização do Arquivo da Economia Mundial de Hamburgo e também como *freelancer* na rádio de Hamburgo. Em Hamburgo, era funcionária do jornal turístico *Hamburg Südamerikanische Dampfschiffahrts-Gesellschaft – Hamburg Süd*, além de escrever regularmente para o *Hamburger Fremdenblatt*. Escreveu um romance autobiográfico em alemão, publicado no Brasil somente em 2002, apesar de a Editora Brasiliense ter uma versão impressa em português desde a década de 1940, que não chegou a circular por causa da política antissemita do governo Vargas. Ver ALARCON, Daniela. *Diário íntimo de Alice Brill: a fotografia de Alice Brill*, 2008. TCC orientado por Boris Kossoy, Departamento de Jornalismo e Editoração, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de S. Paulo, 2008; MOREIRA, Marina Rago. “Alice Brill, retratos de uma metrópole”. *Primeiros Escritos*, n. 18, jun. 2016. Disponível em: <http://www.labhoi.uff.br/sites/default/files/AliceBrill_rev.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2017.



Martha e Erich Brill, s. d. Fotografia não identificado.
Imagens reproduzidas de *Alice Brill: alicerces da forma – retrospectiva*, op. cit., p. 14.

O efeito transformador

Erich, por sua vez, apesar da crise econômica do entreguerras, seguiu sua carreira de pintor independente, aberto às novas tendências que rompiam com as formalidades do ensino acadêmico. Inspirando-se nos movimentos que mobilizavam os artistas no século XX, foi criando um estilo próprio e fortalecendo sua identidade artística. Em 1921, passou uma temporada em Worpswede, nas proximidades de Bremen, colônia onde costumavam reunir-se os artistas seguidores de Paula Modersohn-Becker (1876-1907), pintora alemã considerada uma das representantes precoces do movimento expressionista na Alemanha. Audaciosa, Paula pregava o rompimento com os valores oficiais da arte acadêmica, atribuindo um lugar renovado à natureza e aos valores simples dos camponeses. Essa filosofia, certamente, inspirou Erich Brill a pintar, cada vez mais, a natureza pura, sem artifício, não corrompida pela civilização. Infelizmente, Erich não chegou a conhecer Paula Modersohn-Becker que faleceu aos 31 anos, em Worpswede, em 1907.

Após essa temporada em Worpswede, Erich viajou para Berlim, interessando-se pelo impressionismo de Max Liebermann e, posteriormente, pelo expressionismo dos seguidores de Kandinsky e do grupo Cavaleiro Azul, assim como pelo surrealismo e pelas teorias psicanalíticas desenvolvidas pelo neurologista austríaco Sigmund Freud (1856-1939). Na sua maneira de fazer arte, rompeu com o rigor da arte acadêmica ao adotar novas maneiras

de ver e interpretar o mundo, um mundo que queria novo, livre de guerras. Talvez esse fosse o mundo que procurava numa constante experiência de aproximação com outros povos e outras culturas, postura que implicará um constante processo de transformação.

Costumava ir e voltar sempre com novas criações e inquietações. Ao buscar por novas paisagens, encontrou suas raízes judaicas nas terras da antiga Palestina, quando empreendeu sua primeira viagem em 1922, seguida de muitas outras durante nove meses. Vislumbrou diante de si um povo de múltiplas religiões e etnias, mas foi a imagem da Terra Santa que estimulou suas formas de representar a figura humana e a natureza. Esse impacto transformou-se em fonte de inspiração para suas obras delineadas pela emoção, deixando no passado os vestígios dos tempos da guerra. Com prancheta, tintas, pincéis e telas, Erich posicionou-se diante das enormes pedras do Muro das Lamentações, emocionando-se diante do último vestígio do Templo de Salomão. Entre os lamentos e os murmurinhos das rezas, retratou o “seu intrigante judeu persa”, uma das figuras que muito o impressionaram. Cruzou com judeus, sírios, árabes, marroquinos, indianos e persas, tropeçou em peregrinos, camelos e jegues carregados de lenha. Caminhando pelas ruelas estreitas da velha de Jerusalém, passou pelo Lar dos Velhos, além de percorrer outros tantos povoados, entre os quais Jericó. Como ele mesmo disse:

Abandonei por completo tudo que estava ainda ancorado no meu inconsciente: as formas expressivas do impressionismo e do expressionismo. Vários meses de permanência na Terra Santa tiveram sobre mim um efeito totalmente transformador. A atmosfera tão indiferente do Oriente, a transparência do ar, a variedade infinita das cores na paisagem abriram novos caminhos para a minha criação... Voltei-me para mim mesmo, sem deixar valer regra nenhuma além da intuição direita da natureza e do meu instinto inato da forma e da cor... assim, após anos de trabalho quase exclusivamente no meu *atelier*, comecei a pintar no campo, ao ar livre...

Em 1924, instalou seu próprio ateliê em Hamburgo, de cuja janela produziu algumas de suas obras, entre as quais *Vista do ateliê em Hamburgo*, 1933, óleo sobre tela. Sobrevivendo com a venda de seus quadros expostos galerias, em hotéis de veraneios e no seu ateliê, o jovem Erich continuou buscando por novas paisagens. Nesse mesmo ano de 1924, passou uma temporada em Positano (Itália), seguindo para a sua segunda viagem à Palestina. No

ano seguinte, esteve em Paris e, em 1926, foi para Davos (Suíça) onde permaneceu por 12 meses internado em um sanatório para tratamento de uma tuberculose oftálmica que o impediu de pintar. Durante esse interregno, criou bonecos-fantoches que povoaram esse seu mundo de reclusão, mas nada parecido com o que ainda estava para vir: o terror nazista.

Deixou-se levar muito mais pelas emoções do que pelos modismos que marcavam a arte dos anos 1920 e 1930. De pintor influenciado pelo expressionismo, entregou-se ao poder da natureza e dos povos do Oriente Médio, deixando de lado suas pretensões intelectuais. Vivia para a arte, escrevia sobre a arte, vagando pelos centros produtores de arte como Paris (França) e Positano (Itália). Retornou à Palestina após passar dois anos na Alemanha. Expôs suas obras em Ascona, Zurique, Berlim, Amsterdã, Munique, Hamburgo e Praga, além de escrever alguns artigos para revistas e jornais. Emil Ludwig teve seu retrato pintado por Erich, que, até o ano de 1933, realizou 25 exposições, tendo três de suas obras adquiridas por Alfred Lichtwark para o Kunsthalle de Hamburgo.²

Apesar dessas suas andanças pelos importantes centros artísticos da Europa, Erich nunca deixou de manter contato com a ex-esposa e a filha. Costumava visitá-las com frequência, “encantando a filha com passeios e presentes”, segundo Eva, que viveu muito próxima de Alice. Gerda Henne, amiga de escola de Alice em Hamburgo, costumava dizer que Erich era “egocêntrico, um egoísta que não perdia um pensamento sequer com o bem-estar da filha”.³

Diante do terror nazista

Com advento do Terceiro Reich, viajou por nove meses à Palestina, encantando-se com as paisagens e a cultura daquele lugar que guardava a história de seus ancestrais. Essa experiência interferiu no seu modo de “olhar” o mundo e, por consequência, de pintar. Assim como outros tantos milhares de judeus alemães, a família Brill foi abalada pelos acontecimentos que transformariam a Alemanha em um inferno para todos os “indesejáveis” por sua raça ou ideologia. Adotado como política de Estado por Adolf Hitler, o antissemitismo proliferava

2 CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Brasil, um refúgio nos trópicos*. Edição bilíngue português e alemão, com tradução de Dieter Strauss. S. Paulo: Estação Liberdade, 1996.

3 FERNANDES, Eva Lieblich, Recordações de uma convivência, op. cit., p. 20.

como parte de um programa racionalmente estruturado para forçar, em um primeiro momento, a emigração dos judeus alemães. Desesperados, alguns apelaram para o suicídio, enquanto outros, menos radicais, viam na emigração uma válvula de escape. Foi nesse contexto que a família Brill optou por deixar a Alemanha após alguns acontecimentos que anunciavam tempos sombrios. Desde o incêndio do Reichstag, em 27 de fevereiro de 1933, sob o pretexto de agir contra os comunistas, todos os direitos humanos haviam sido revogados na Alemanha, por meio de um decreto que vigorou até o último dia do regime nazista.

Em 1933, com a ascensão do nacional-socialismo ao poder, a bandeira com a suástica foi içada em todas as repartições públicas, determinando, pela força dos símbolos, os espaços nazistas. Em março do mesmo ano, Martha embarcou para Maiorca, na Espanha, para realizar um trabalho, acompanhada de Alice, então com 12 anos. Alguns dias depois, foi informada pelo chefe da rádio que seu contrato, por ordens superiores do governo hitlerista, havia sido cancelado, assim como de outros tantos judeus. Demitida por suas origens judaicas, foi aconselhada por alguns amigos a ficar distante da Alemanha em busca do primeiro refúgio. Resolveu ir para a Espanha, onde costumava trabalhar, levando consigo a pequena Alice que, em seu diário, anotou estar empolgada com a viagem. Embarcaram no navio da Hamburg-Süd e, em março de 1933, desembarcaram na ilha de Maiorca na Espanha.⁴ Mas os acontecimentos na Alemanha obrigaram Martha a continuar fugindo, seguindo para Florença onde trabalhou como governanta até 1934. Enquanto isso, a situação para os judeus na Alemanha piorava a cada dia: em 1º de abril de 1933, ocorreu o boicote econômico aos estabelecimentos judeus, deixando a comunidade judaica em estado de perplexidade. Nas vitrines das lojas de proprietários judeus, foram pichadas estrelas de Davi, acompanhadas da palavra *Jude*, cuja conotação pejorativa foi intensamente explorada pelo nazismo.

No mês seguinte, em 10 de maio, uma represália política destruiu milhares de livros de autoria dos escritores “malditos”, num auto de fé edificado na Praça da Ópera de Berlim. O mesmo aconteceu na Praça Römerberg, em Frankfurt, onde o fogo purificador destruiu livros de Heinrich Heine, Thomas Mann, Sigmund Freud, Stefan Zweig, Arthur Eloesser e tantos outros. Nesse momento, cerca de dois mil escritores e jornalistas deixaram a Alemanha por motivos políticos ou por serem judeus. Havia perdido tudo o que lhes

4 BRILL, Martha. *Der Schmelztiegel*. Frankfurt am Main: Edition Büchergilde, 2002.

era mais caro: bibliotecas, fontes de renda e leitores. Entre estes estavam Thomas Mann, Bertold Brecht, Fritz Von Unruh, Georg Kaiser. Essa violência institucionalizada alimentou a primeira onda de refugiados judeus alemães que optaram pelo Brasil como uma forma de fazer sobreviver suas ideias, transformando-as em bandeira de luta contra o nazismo. Assim o fizeram centenas de políticos e ativistas que abandonaram a Alemanha iniciando um longo trajeto, para alguns sem retorno.

O Brasil como opção

Com dificuldades para conseguir trabalho, Martha e Alice foram para a Itália, onde permaneceram por uns tempos, até o momento em que o ex-chefe da revista de turismo onde havia trabalhado conseguiu para elas passagens em um navio da Hamburg-Süd para o Brasil. Ambas retornaram a Hamburgo, onde residiam, decidindo-se que Alice ficaria em Amsterdã com o pai, o tio e a avó, Sophie Brill. Para Martha, naquele momento, o Brasil apresentava-se como uma alternativa possível. Antes da partida de Martha, Erich presenteou a pequena Alice com uma câmara fotográfica Bela com a qual faria os seus primeiros ensaios de retratos. Em 1934, atenta às transformações da cidade, Alice anotou em seu diário as impressões sobre as marchas dos jovens nazistas pelas ruas da cidade e os *slogans* que ocupavam as paredes dos muros, das vitrines e paredes.^A

Radicando-se em S. Paulo, Martha conseguiu emprego como secretária-geral do primeiro Comitê de Socorro aos Refugiados Alemães. Estabelecida em S. Paulo, após seis

A- Alice Brill anotou em seu diário: “era uma pequena e despreziosa Bela Box, que fazia fotografias 3x4. As impressões do exílio – as ilhas de Madeira e Tenerife, Marrocos, a costa espanhola, Maiorca e, mais tarde, Rio de Janeiro e S. Paulo – seriam registradas nessas imagens de infância. Pouco mais de duzentas fotografias, reunidas em um álbum de couro, abarcam o período entre a partida da Alemanha e a chegada ao Brasil” (ALARCON, Daniela, op. cit., p. 54).

meses, Martha conseguiu “chamar” a filha Alice com passagem reservada em um navio alemão. Com vontade de conhecer o Brasil, Erich resolveu acompanhar a filha: conseguiu comprar duas passagens em troca de alguns quadros oferecidos para um leilão em Amsterdã. Pai e filha embarcaram em Cherbourg, no navio francês Alcântara, e desembarcaram no Rio de Janeiro, em 24 de agosto de 1934.

Deslumbrado com a paisagem, a luminosidade e as cores do mundo carioca, Erich deixou Martha esperando por eles em S. Paulo, sentindo-se livre para pintar, livre de compromissos familiares. Acompanhado da pequena Alice, fixou residência em uma pensão na Ilha de Paquetá, onde permaneceu durante meses, pintando paisagens e mais paisagens.

Procurando um lugar para expor no Rio de Janeiro, Erich conheceu vários artistas, entre os quais Burle Max e Theodor Heuberger, *marchand* alemão que atuava no Brasil desde 1924, um dos fundadores da Sociedade Pró-Arte de Artes, Artistas e Letras (1931), posteriormente denominada Sociedade Pró-Arte de Artes e Ciências e Letras. Criada com o objetivo de promover o intercâmbio cultural entre o Brasil e a Alemanha, a Pró-Arte identificava-se com as tendências estéticas modernistas que ainda tentavam se afirmar no cenário cultural brasileiro. Assim, foi na Pró-Arte que Erich Brill encontrou espaço para a sua primeira exposição individual no Brasil que, ao ser inaugurada em outubro de 1934, incluía suas recentes paisagens brasileiras, entre elas o óleo sobre tela intitulado *Paquetá*. Esta será, mais tarde, identificada como a “ilha dos seus sonhos”, um “paraíso perdido”.

Somente no Carnaval de 1935 é que Erich resolveu partir para S. Paulo com o objetivo de deixar Alice aos cuidados da mãe Martha. Em terras paulistas, o artista, curioso e inquieto como sempre, resolveu ficar e conhecer um pouco mais do interior. Durante o tempo que permaneceu em S. Paulo, adentrou o mundo das artes da capital fazendo novas amizades. Conheceu também o arquiteto Paulo Rossi Osir, que abriu espaço para a formação artística de sua filha Alice Brill, que encontrou seus primeiros professores no Grupo Santa Helena, frequentado por Aldo Bonadei, Quirino da Silva e Yolanda Mohalyi.

Nesse mesmo ano, Brill apresenta suas obras à sociedade paulistana em duas exposições: uma em maio na Galeria Martin, na Rua Barão de Itapetininga, prestigiada com a presença de ilustres nomes do mundo das artes e da cultura brasileira: Pedro Alexandrino, Alfredo Volpi, Warchavchik, Lucy Citti Ferreira, Maria de Lourdes Ferraz Costa, Vittorio Gobbis,

Yolanda Lederer Mohalyi, Quirino da Silva, Duja Gross e a família Segall (Lasar, Jenny e Maurício). A outra mostra fez parte da III Exposição Paulistana da Escola de Belas Artes, realizada em dezembro na Rua XI de Agosto. Mas os comentários à arte moderna no Brasil ainda eram muito tímidos, deixando-o frustrado. Talvez essa tenha sido uma das razões que o levaram de volta à sua Alemanha abalada pelo nazismo.

O retorno à Alemanha

Em março de 1936, Erich Brill, desconsiderando a extensão das ações antissemitas do governo alemão e os conselhos de seus familiares, retornou sozinho à Alemanha. Entre 6 e 25 de junho, realizou uma exposição individual no Kunstzaal van Lier, em Amsterdã, expondo um conjunto de paisagens brasileiras. Em seguida, resolveu visitar a mãe Sophie que ainda vivia às custas dos aluguéis dos quartos em sua antiga residência na vila de Lübeck. Wolf Brill, o pai de Erich, havia falecido em 1927. Na sequência, retornou para Hamburgo apesar do perigo iminente de ser alvo das ações antissemitas do governo alemão. Acreditando gozar de “certa liberdade”, apesar das ações repressivas do regime totalitário, continuou a viajar pelo país para pintar.

No primeiro semestre de 1937, foi preso pelos nazistas após ser denunciado por um amigo ariano por questões “de raça”. A primeira carta enviada da prisão de Bremen-Oslebshausen data de 20 de junho de 1937, onde também escreveu o poema “Paquetá”, em 13 de dezembro de 1937, enviado como presente de aniversário para a filha Alice, então com 17 anos. Nesse poema, o artista aprisionado saúda a Ilha de Paquetá como o seu “paraíso perdido”, “onde todas as flores se unem no amor do teu seio, divina natureza!”.

Diante dos meus olhos, em sonho perdidos
Como por encanto um tesouro surge:
A ilha de Paquetá:
Onde as ondas espumantes e tranquilas
Mansamente na praia se quebram e o vento tropical
Nas fôlhas das mangueiras se diverte,

Enquanto os coqueiros elegantes
Expoem orgulhosos a sua beleza...⁵

Operação Dünamünde

Expressivo desses momentos na prisão Bremen-Oslebshausen é o autorretrato pintado em 1936/1937. Ali, Erich permaneceu encarcerado por mais de cinco anos até ser libertado em novembro de 1941 e preso novamente, desta vez para deportação. Assim como Erick, centenas de outros judeus seriam ser levados para os campos de concentração de Łódź e Minsk. Erich Brill deveria embarcar na quarta viagem programada para 4 de dezembro, tendo Minsk como destino. No entanto, por problemas técnicos com as ferrovias, a viagem foi adiada e o destino alterado para Riga, sendo os judeus convocados a comparecer, no dia 4 de dezembro, à antiga Loja Maçônica, com sede na Moorweidenstrasse, 36. No local, usado em outras ocasiões como essa, os judeus foram obrigados a preencher um inventário detalhado dos seus bens e, no caso de alguma propriedade, deveriam entregar as chaves na delegacia de polícia mais próxima.

Cada prisioneiro tinha permissão para levar apenas 50 kg de bagagem e 50 *Reichmarks*. Na véspera da viagem, eles entregaram não apenas a declaração de bens, mas também o dinheiro restante, incluindo os 50 *Reichmarks*. Toda a bagagem foi revistada em busca de objetos de valor e os documentos pessoais invalidados. Durante a noite, ficaram aprisionados no porão daquele edifício e, vários deles, sofreram abusos pelos guardas, além da humilhação gerada pelas condições horríveis do local. Segundo um auxiliar, então com 19 anos na época, os deportados

[...] conseguiram manter a calma. As pessoas sentavam-se juntas em grupos. Semelhante ao período depois de um funeral, quando parentes próximos se sentam juntos. Entre aqueles selecionados para a deportação, várias pessoas escolheram o suicídio ao sofrimento e assassinato subsequente.⁶

5 “Paquetá”, poema escrito por Erich Brill na prisão em 13 de dezembro de 1937 (apud BRILL, Alice, 1995, op. cit., p. 60).

6 As informações relacionadas à deportação e às terríveis condições da Operação Dünamünde foram extraídas de publicações pelo The International Institute for Holocaust Research, Yad Vashem.

Uma ex-enfermeira mencionou mais tarde que, cada vez que uma grande deportação era realizada, de 20 a 30 pessoas tentavam cometer suicídio. Em 6 de dezembro de 1941, os deportados (incluindo Erich Brill) foram levados para o Hannöversche Bahnhof, estação ferroviária nas proximidades do porto, na época usada principalmente para carga e como ponto de partida para todos os transportes de Hamburgo. À chegada, foram conduzidos em vagões sob a supervisão da *Gestapo*.

Trabalhadores da comunidade judaica foram enviados à estação ferroviária para ajudar os deportados e lhes fornecer comida. O transporte partiu pouco depois com 756 judeus de Hamburgo, quatro de Lübeck e dois de Celle. Parou em Bad Oldesloo para que 33 judeus adicionais de Kiel, 88 de Lübeck, quatro de Bad Schwartau, dois de Ratzeburg e mais uma pessoa de Rendsburg e outra de Elmshorn entrassem. A idade média dos deportados era de 48 anos. Um sobrevivente anônimo de Kiel, deportado nesse transporte, mais tarde lembrou:

Tivemos que nos apresentar à prefeitura em 4 de dezembro e o nosso transporte começou na madrugada de 7 de dezembro de 1941 por volta das 3h15. Se bem me lembro, eles primeiro levaram nossa bagagem num caminhão para a estação ferroviária. Eu me lembro de que era um caminhão da polícia [...] como mencionei na primeira entrevista, viajamos de Kiel via Neumünster para Bad Oldesloo. Lá, o trem foi totalmente lotado. Vários vagões de Lübeck foram adicionados, e eles foram anexados juntamente com o nosso vagão para o comboio de Hamburgo, que já estava esperando na estação. Na manhã de 9 de dezembro de 1941, o transporte foi descarregado na estação de Skirotava, em Riga [...].⁷

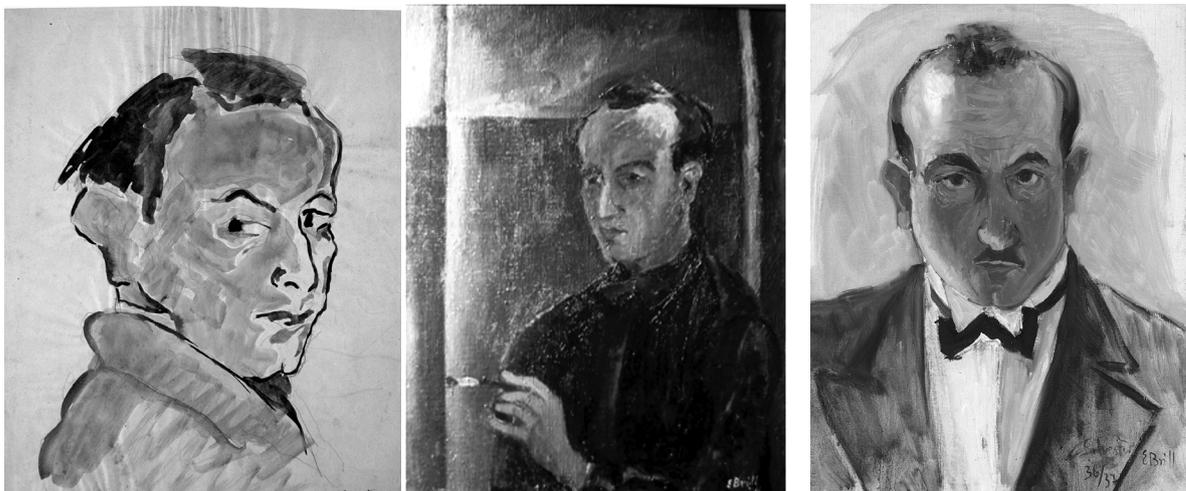
Os nazistas abriram espaço no gueto ao assassinar 27.500 judeus letões em duas operações, em 30 de novembro e 8 de dezembro. Apenas 2.500 dos judeus locais foram poupados porque eram necessários para o trabalho forçado. As quatro deportações seguintes, entre elas o transporte de Hamburgo, chegaram a Riga quando o assassinato dos moradores do gueto letão ainda estava em andamento. Eles foram levados para uma propriedade degradada chamada Gut Jungfernhof, composta de alguns prédios não aquecidos. As condições eram terríveis. Cerca de 800 das 3.984 pessoas que foram internadas no local morreram do frio

⁷ Ibidem.

congelante (relatos de testemunhas oculares afirmam que as temperaturas eram tão baixas como -30 a -35 graus Celsius) ou de desnutrição.

Autorretratos diante da vida e da morte

Erich Brill: 1921 – 1924 – 1936/1937



Fonte: Imagens reproduzidas de BRILL, Alice, 1995, op. cit., p. 53, 31, 70.

No início de 1942, 500 pessoas doentes ou fracas foram gradualmente levadas e assassinadas. Outras 1.700-1.800 pessoas foram levadas em 26 de março, sob o pretexto de que seriam enviadas para trabalhar numa fábrica fictícia de peixe e alojadas em melhores condições. Elas foram assassinadas no que ficou conhecido como a Operação Dünamünde, quando algumas foram fuziladas na floresta Biķernieki e outras asfixiadas em *vans* de gás. Entre as vítimas dessa operação, estava o ex-rabino-chefe de Hamburgo, Joseph Carlebach, juntamente com a maioria de sua família. Durante o tempo que esteve em Jungfernhof, Carlebach tentou ajudar os deportados a manter a dignidade e identidade judaica. Em 26 de março de 1942, Erich Brill foi fuzilado entre outras vítimas da Operação Dünamünde. Dos 964 deportados que deixaram Hamburgo com esse transporte, 762 embarcaram com destino a Riga, e apenas 35 sobreviveram ao Holocausto.⁸

8 As informações são também do The International Institute for Holocaust Research, Yad Vashem

Vozes do Holocausto

- 04/12/1941: Data e local onde reuniram as pessoas: Masonic Lodge, Moorweidenstrasse, Hamburg
- 06/12/1941: Rota do transporte de deportação onde estava Erich Brill: partiu da Estação Hannöversche Bahnhof, de Hamburgo para Riga, Rigas, Vidzeme, Letônia.
- 09/12/1941: Chegada em Riga.
- 26/03/1942: Início da Operação *Dünamünde* com fuzilamentos na floresta Biķernieki e outros asfixiados em vans de gás.
- 26/03/1942: Erich Brill foi fuzilado durante a Operação *Dünamünde*.

Durante a ocupação alemã na Holanda, as obras de Erich Brill, que haviam sido expostas em Amsterdã, foram escondidas por sua cunhada Rita Brill, cujo marido Fritz foi morto nessa mesma época pelos nazistas. Sophie Brill, ajudada pela nora, conseguiu viver na reclusão e, após a guerra, desconsolada com tantas perdas, emigrou para os Estados Unidos onde vivia sua filha, vindo a falecer em Nova York, em 1948. Martha Brill faleceu em 1969, em S. Paulo. Em junho de 1948, as obras produzidas por Erich para a mostra em Amsterdã foram expostas pela filha Alice Brill em uma exposição póstuma na Galeria Prestes Maia, em S. Paulo, com patrocínio do Instituto de Arquitetos do Brasil. Além do legado artístico às artes europeias e brasileira, a trajetória de Erich Brill deixou um sinal de alerta: não devemos ficar indiferentes à capacidade que o ser humano tem de fazer o mal. Sua vida interrompida aos 46 anos é expressão de que a intolerância é perversa, sem limites.

Erich Brill



Erich Arnold Brill (*20 de setembro de 1895 em Lübeck; † 26 de março de 1942 no campo de Jungfernhof, em Riga) foi um pintor alemão e uma vítima do Holocausto.⁹

9 Disponível em: <[https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/43/Stolperstein_Brahmsallee_41_\(Erich_Brill\)_in_Hamburg-Harvestehude.JPG](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/43/Stolperstein_Brahmsallee_41_(Erich_Brill)_in_Hamburg-Harvestehude.JPG)>. Acesso em: 27 jul. 2017